

Lugar de memória e percepção afetiva patrimonial: sítio histórico da Prainha, Vila Velha, Espírito Santo, Brasil

Melissa Ramos da Silva Oliveira¹
Viviana Christina Simões Pinheiro²

Resumo: Memórias, emoções e sentimentos são continuamente construídos em nossa mente, resultantes da fusão de imagens do presente com registros do passado. Este artigo possui como objetivo analisar as memórias afetivas evocadas dos usuários da Prainha de Vila Velha/ES. A pesquisa qualitativa, utiliza a coleta de narrativas, baseadas no método de amostragem por conveniência para aplicar os questionários e delinear as entrevistas com usuários que obrigatoriamente possuam vínculos de apropriação com o lugar. Os resultados da pesquisa evidenciam que a Prainha pode ser reconhecida como um lugar de memória, um local sagrado, um ambiente urbano restaurador, onde as memórias autobiográficas são moduladoras de emoções e sentimentos ímpares que consolidam relações de identidade e pertencimento individual e coletivo. O artigo visa corroborar para ampliar as pesquisas sobre a percepção afetiva do espaço urbano e o fortalecimento do diálogo interdisciplinar entre memória, patrimônio cultural e neurociência.

Palavras-chave: memórias autobiográficas; emoções e sentimentos; ambiente urbano homeodíamico; local sagrado; lugar de memória.

Lugar de memoria y percepción afectiva del patrimonio: sitio histórico de Prainha, Vila Velha, Espírito Santo, Brasil

Resumen: Las memorias, las emociones y los sentimientos se construyen continuamente en nuestra mente, como resultado de la fusión de imágenes del presente con registros del pasado. El objetivo de este trabajo es analizar las memorias afectivas evocadas por los usuarios de Prainha de Vila Velha/ES. La investigación cualitativa utiliza la recolección de narrativas, con base en el método de muestreo por conveniencia para aplicar los cuestionarios y perfilar las entrevistas con usuarios que obligatoriamente tengan vínculos de apropiación con el lugar. Los resultados de la investigación muestran que Prainha puede ser reconocida como un lugar de memoria, un lugar sagrado, un entorno urbano restaurador, donde las memorias autobiográficas son moduladores de emociones y sentimientos únicos que consolidan relaciones de identidad y pertenencia individual y colectiva. El artículo pretende corroborar para ampliar la investigación sobre la percepción afectiva del espacio urbano y el fortalecimiento del diálogo interdisciplinario entre memoria, patrimonio cultural y neurociencia.

Palabras-clave memorias autobiográficas; emociones y sentimientos; entorno urbano homeodinámico; lugar sagrado; lugar de memoria.

Place of memory and affective perception of heritage: Historic site of Prainha, Vila Velha, Espírito Santo, Brazil

Abstract: Memories, emotions and feelings have been constructed round the clock in our minds, as a result of merging images of the present with records of the past. This paper aims to analyze the affective memories evoked by users of Prainha de Vila Velha/ES. As qualitative research, it uses the collection of narratives, based on the convenience sampling method to apply the questionnaires and outline the interviews with users who obligatorily have bonds of appropriation with the place. The research results show that Prainha can be recognized as a place of memory, a sacred place, a restorative urban environment, where autobiographical memories are unique modulators of emotions and feelings that consolidate relationships of identity and individual and collective belonging. This paper aims to support and expand research on the affective perception of urban space and to strengthen the interdisciplinary dialogue between memory, cultural heritage and neuroscience.

Keywords: autobiographical memories; emotions and feelings; homeodynamic urban environment; sacred place; memory place.



DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v6i11.41312>

Como citar este artículo: Oliveira, M. & Pinheiro, V. (2023). Lugar de memória e percepção afetiva patrimonial. Sítio histórico da Prainha, Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. *PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades*, 6(11), e41312. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v6i11.41312>

Recebido: janeiro de 2022. **Aceito:** julho de 2022. **Publicado:** maio de 2023.

¹ Professora e coordenadora do Mestrado em Arquitetura e Cidade da Universidade Vila Velha, UVV.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8529-5180>. Email: melissa.oliveira@uvv.br

² Mestranda em Arquitetura e Cidade da Universidade Vila Velha pela Universidade de Vila Velha, UVV.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0940-0487>. Email: vivicspinheiro@hotmail.com

1. Introdução¹

“Somos a memória que temos (...). Sem memória, não existimos” (Saramago, 1997, p. 116). Nesta célebre frase do livro “Escritos de Lanzarote”, José Saramago ressalta a importância da memória para a constituição do indivíduo e sua personalidade. As memórias carregam significados e heranças que podem trazer informações valiosas de acontecimentos que, porventura, não se possui mais acesso pelos livros, tendo em vista que a memória constitui um arquivo de dados - um verdadeiro acervo pessoal, “o único tesouro que possuímos” (Lent, 2008, p. 242), que carrega significados e heranças repletas de conteúdo.

A memória corresponde à faculdade de armazenar informações, sensações e percepções adquiridas ao longo do tempo, nas diversas experiências vivenciadas. Esse processo se consolida porque o corpo humano aciona diversas funções sensitivas e motoras ao interagir com o meio onde está inserido. Assim, verifica-se que tanto o tempo quanto o contexto são essenciais no processo de formação das memórias, pois o meio físico influencia diretamente na percepção afetiva do lugar, tanto para o despertar de emoções e sentimentos, quanto para a formação de novas memórias. Pallasmaa (2013, p. 10) corrobora para essa constatação ao destacar que “conhecemos e lembramos quem somos como seres históricos por meio de nossos cenários construídos”.

Neste sentido, para tratar do contexto será utilizado o conceito de lugar - o plano da vida cotidiana, o local onde os usuários consolidam uma conexão com o espaço físico por meio dos usos e tecem relações que lhe conferem sentido, ou seja, um “contexto social onde as pessoas vivem suas vidas” (Agnew, 2003). O uso do espaço define fronteiras simbólicas, que constituem o que Lefebvre (1991, p. 91) denomina de “sistema de significações” ao isolar a prática social da base morfológica do sítio histórico, reduzindo-o a uma relação “significante-significado” (Lefebvre, 1991, p. 92). Para Leite (2004), os usos qualificam e atribuem sentidos diferenciados de pertencimento ao lugar, enaltecendo a conexão entre ambiente e comportamento.

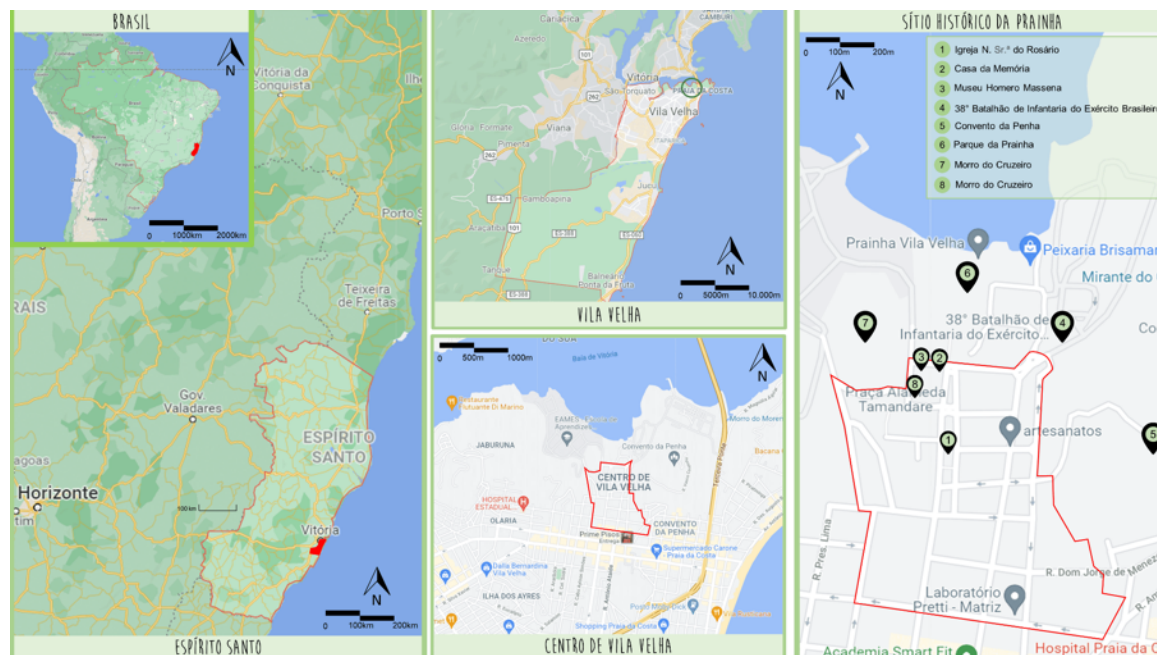
Os seres humanos possuem uma habilidade única para recordar e imaginar espaços físicos (Pallasmaa, 2017), pois a lembrança do ambiente construído delinea a ilusão de estagnação do tempo e a sensação de encontro do passado no presente (Nora, 1993). Os bens culturais, materiais e imateriais são fundamentais tanto na construção das lembranças, no reconhecimento dos objetos e fatos

que podem ser armazenados na memória, quanto na sua evocação.

O objetivo deste trabalho é analisar as principais memórias afetivas, de curto ou longo prazo, evocadas do sítio histórico da Prainha, assim como identificar e analisar as respostas emocionais desencadeadas, de modo a desvendar a percepção afetiva da Prainha, advinda da apreensão sobre o que os inquiridos viram, ouviram, sentiram e vivenciaram em algum momento da vida, registraram em suas memórias e puderam evocar no momento presente, ressignificando-a ou não. A evocação foi realizada a partir de narrativas que buscaram na oralidade identificar tanto os gatilhos acionadores das lembranças, das emoções e dos sentimentos, quanto os elementos que individualizam e conferem sentido à memória. Conforme destaca Gonçalves (2007, p. 114), as narrativas podem relatar “a história de uma determinada coletividade, seus heróis, os acontecimentos que marcaram essa história, os lugares e os objetos que testemunharam esses acontecimentos”.

Devido ao isolamento social imposto pela pandemia de Sars-Covid-19, as entrevistas abertas e semiestruturadas foram realizadas no formato telepresencial, por meio da Plataforma Microsoft Teams, com duração aproximada de uma hora. Foram entrevistados 24 usuários da Prainha, entre 40 e 90 anos, obrigatoriamente com conhecimento prévio do local. A pesquisa qualitativa, utilizou o “método de amostragem por conveniência não probabilística” (Tabachnick & Fidell, 1989) para definir o número da amostra.

O sítio histórico da Prainha corresponde ao local mais antigo da cidade de Vila Velha - corresponde ao primeiro assentamento português oriundo da antiga capitania do Espírito Santo nos primórdios do século XVI, período no qual o processo de colonização se iniciou no estado capixaba. Em meados do século XX, a Prainha sofreu diversas transformações que alteraram significativamente o lugar, tais como os aterros que ampliaram sua extensão territorial. Todavia, o traçado e a malha urbana originais foram preservados, assim como alguns remanescentes arquitetônicos de diversas épocas, o que culminou no seu tombamento como um sítio histórico pela sua relevância histórica, arquitetônica, paisagística e religiosa, assim como seu amplo significado à comunidade de Vila Velha e de todo o Espírito Santo. Pelos fatos supracitados, justifica-se o motivo de escolha da Prainha como objeto de estudo (figura 1).

Figura 1 - Situação geográfica da Prainha de Vila Velha, Espírito Santo, Brasil

Fonte: elaboração própria, 2021.

Quatro partes estruturam o presente artigo. A primeira delas, discorre sobre os conceitos de memória, pautado em uma bibliografia médica da área de neurociência, sobretudo em autores como António Damásio e Roberto Lent, com o intuito de compreender os mecanismos cerebrais vinculados ao processo mnemônico de consolidação, armazenamento e evocação das informações coletadas no ambiente. A segunda, versa sobre o sítio histórico da Prainha, sua evolução e transformações com a intenção de compreender sua evolução histórica e como se consolidaram os bens culturais, na atualidade reconhecidos como patrimônio cultural. A terceira parte discorre sobre a metodologia e os procedimentos adotados para obtenção e a análise de dados que consubstanciam a percepção espacial e afetiva do lugar. A quarta parte apresenta os resultados da pesquisa e evidenciam quatro aspectos principais que caracterizam as memórias evocadas da Prainha e registradas nos depoimentos dos inquiridos: a) a Prainha como um “lugar de memória” (Nora, 1993), onde memórias afetivas são evocadas e ressignificadas para além do patrimônio institucionalizado pelo estado; b) As “memórias autobiográficas” (Damásio, 2011) que despertam lembranças e consolidam relações de pertencimento nos espaços vivenciados; c) a ambiência da Prainha como um “ambiente restaurador” (Zuanon, Ferreira & Monteiro, 2020a) e promotor do equilíbrio hemodinâmico, d) a Prainha como um “local sagrado” (Eberhard, 2009)

onde prevalece a religiosidade indutora da “homeostase sociocultural” (Damásio, 2018).

2. Consolidação, registro e evocação das memórias afetivas

O estudo sobre memória é interdisciplinar e engloba diversas áreas, tais como literatura, sociologia, antropologia, geografia, arqueologia, artes, arquitetura, música, história, pedagogia, psicologia, medicina, biologia, planejamento urbano, patrimônio, museologia, biblioteconomia, turismo cultural, entre outras que abarcam a discussão entre passado e presente, com a perpetuação do legado de bens materiais ou imateriais, advindos de momentos anteriores. Neste artigo, aborda-se a questão da memória a partir de um viés neurocientífico para compreensão dos mecanismos cerebrais, vinculados ao processo de consolidação, registro e evocação da memória, realizado a partir de experiências vividas na escala do lugar.

A consolidação da memória constitui um processo complexo, na medida em que ela não é estática e definitiva. Mesmo que ela já tenha sido delimitada em algum momento, ainda é possível modificá-la, pois sempre há a possibilidade de atualizar as informações armazenadas no cérebro.

A memória corresponde à capacidade humana de acumular informações, em um processo mnemônico que, segundo Lent (2010), envolve aquisição, retenção e evocação. Nesse processo, a memória vincula-se a um conjunto de funções

psíquicas, onde ocorre a codificação por neurônios, estocagem nas redes neurais, com a possibilidade de evocação pelas mesmas redes neurais onde foram armazenadas.

No processo de aquisição, a interação do indivíduo com o meio pode captar as informações em dois locais: interna ou externamente ao corpo. Internamente, os dados são registrados a partir dos sentimentos ou dos pensamentos e, externamente, são coletados do ambiente através dos cinco sentidos. Esse processo de aquisição é seletivo, pois nem todos os dados coletados são registrados. São arquivados somente aspectos de maior relevância para a cognição ou para a emoção. Para Lent (2008), aspectos como o estado de humor, o nível de consciência e, sobretudo, as emoções são moduladoras da memória, pois quanto maior a intensidade, maior o registro em nossa mente. Para elucidar essa questão, vejamos um exemplo: se uma pessoa soube de uma tragédia, como a destruição das Torres Gêmeas ou o acidente que culminou na morte de Ayrton Senna, conseguirá se lembrar do que estava fazendo no dia do acontecido, onde estava e como se sentiu naquele momento. Tanto os acontecimentos positivos, como o primeiro aniversário de um filho, quanto os fatos tristes, como a morte de um ente querido, despertam sentimentos mais intensos e são mais facilmente registrados que fatos banais do cotidiano. Portanto, compreende-se que as emoções podem regular a memória, pois quanto maior for a intensidade vivenciada, maior será também a intensidade de registro e acionamento das lembranças (Oliveira, Bittencourt & Pinheiro, 2020).

A conservação da memória engloba o fator tempo, pois as informações podem ficar retidas durante um longo ou breve período. As memórias de curta duração podem variar de trinta minutos à seis horas, assim como trazer lembranças de fatos novos ou informações recentes, tais como notícias que ouvimos no telejornal durante o almoço. A memória de longa duração armazena, por sua vez, extensos períodos de tempo, assim como os registros de memória efetuados anteriormente (Lent, 2008). Ressalta-se que o hipocampo corresponde a região do cérebro responsável pela transformação de memórias de curto prazo em longo prazo (Damásio, 2011).

A discussão sobre conservação da memória contempla ainda a dialética entre retenção e esquecimento. Pollak (1992) ressalta que a memória é seletiva, pois como um excelente editor, o cérebro processa os registros olfativos, sonoros, táteis, visuais e gustativos. Para Izquierdo (1989) não é possível que o cérebro humano se recorde de tudo, pois há a necessidade do esquecimento para que

outros dados possam ser absorvidos pela memória. Equivale a dizer que o cérebro pode substituir memórias desagradáveis ou traumáticas por novas memórias. De acordo com Lent (2010, p. 647), o esquecimento “desempenha um papel muito importante como mecanismo de prevenção de sobrecarga nos sistemas cerebrais dedicados à memorização, e tem ainda a virtude de permitir a filtragem dos aspectos mais relevantes ou importantes de cada evento”, ou seja, é como se constituíssem um “sistema de defesa” (Lent, 2008, p. 251), pois memórias negativas em excesso podem trazer prejuízos para a saúde física e mental (Oliveira *et al.*, 2020).

Após a aquisição, ocorre o processo de retenção, no qual a memória é armazenada durante um período breve ou longo. Nesse processo, Damásio (2011) descreve que enquanto o corpo interage com o meio, o cérebro responde imediatamente a essa interligação. Portanto, o processo de registro de memórias contempla diversas conexões, o que permite que a memória seja compreendida como um conjunto de “atividades sensitivas e motoras relacionadas à interação entre o organismo e o objeto durante dado tempo” (Damásio, 2011, p. 169), pois o cérebro armazena uma imagem do que ocorreu dessa interação, que inclui necessariamente nosso passado. Damásio (2011, p. 170) destaca ainda que a percepção interativa, ou seja, não passiva com o meio constitui o motivo pelo qual “frequentemente recordamos contextos e não apenas coisas isoladas”.

O processo de aproximação ao conteúdo original das memórias armazenadas no cérebro é denominado de *recall* ou evocação (Damásio, 2011). Todavia, quando ocorre a evocação é possível que outras recordações semelhantes sejam resgatadas, de modo a consolidar novas memórias. Nesse processo de *recall*, quanto mais estímulos estiverem presentes, mais fácil e fidedigna será a evocação. Para Freud (1969, p. 287), as memórias podem ser ressignificadas e constituem uma nova criação no ato da evocação:

Nossas lembranças infantis nos mostram nossos primeiros anos não como eles foram, mas tal como aparecem nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos de despertar, as lembranças infantis não emergiram como as pessoas costumam dizer; elas foram formadas nessa época. E inúmeros motivos, sem qualquer preocupação com a precisão histórica, participam de sua formação, assim como da seleção das próprias lembranças.

Izquierdo (1989) corrobora essa visão ao afirmar que as memórias podem se consolidar tanto ao longo quanto após a vivência, onde novos atributos podem ser designados e aferidos durante o *recall*. Um livro; uma música; uma comida; uma cena de um filme; um ambiente ou um patrimônio podem funcionar como gatilhos para a evocação de uma memória, de forma espontânea. Por exemplo, quando se sente o cheiro de café, pode-se lembrar, automaticamente, de momentos da infância; ou ao ler um conto é possível recordar de um lugar visitado. É possível, também, estimular as lembranças quando se visualiza um álbum de infância ou de casamento. Durante esse processo, é possível imaginarmos diversas cenas em nossa mente. Esse processo é chamado de evocação, pois envolve o reconhecimento e a criação de imagens ou mapas momentâneos, de imagens internas e externas ao corpo humano (Damásio, 2011).

O ambiente, natural ou construído, estimula o processo de evocação, pois induz de maneira direta a percepção espacial, o comportamento humano e influencia no modo pelo qual o cérebro armazena essas informações, assim como na maneira pela qual as lembranças podem ser despertadas ao longo da vida. Damásio (1999) elucida essa relação intrínseca entre memórias e lugar ao descrever a experiência de se adentrar uma catedral gótica: o contato com o ambiente registra tanto aspectos físicos, como formas, cores ou texturas, quanto aspectos sensitivos, como cheiros, sons e reações emocionais despertadas ao longo da vivência. Caso algum tempo depois o indivíduo tenha a possibilidade de visitar o lugar, ele viverá novas experiências, que funcionarão como gatilhos que acionam as informações retidas, que poderão promover a evocação de experiências sensoriais de visitas precedentes, assim como das reações emocionais anteriores. Nesse sentido, Damásio (1999) assevera que as lembranças compreendem o que se vê, se ouve ou se toca em tempo real no momento da experiência. Eberhard (2009) corrobora com a visão de Damásio e pondera que a experiência sensorial no ambiente físico promove interações no cérebro que evocam o sistema de memória, que pode estar atrelado a visitas passadas ou a lugares semelhantes. Para Christopher Egan, o ambiente aciona três camadas de memória:

O espaço primitivo pode tocar nosso núcleo emocional mais profundo, ao evocar memórias sombrias do útero, da caverna, da floresta e da luz. Pode evocar memórias da cultura, ou nosso lugar na história mundial. As memórias pessoais adicionam

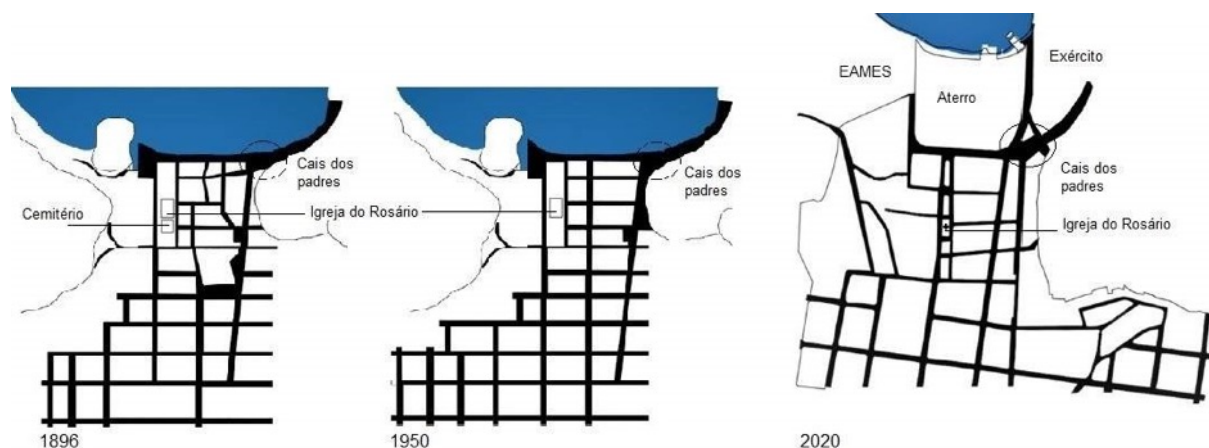
sobreposições aos significados subjetivos, como edifícios podem ser associados a eventos de nossas vidas. (Eberhard, 2009, p. 89, tradução nossa)ⁱⁱ

Nessa pesquisa, optou-se por analisar as memórias afetivas evocadas, às quais o ser humano pode ter acesso consciente e contém as lembranças compartilhadas por parte da população, delineando a cultura, a história, as memórias e o patrimônio de um lugar. Entrevistas abertas e semiestruturadas foram utilizadas para evocar as memórias - de curto ou longo prazo - armazenadas no cérebro dos inquiridos. A partir da evocação, busca-se também identificar e analisar as respostas emocionais desencadeadas, de modo a auxiliar na descrição da percepção afetiva da Prainha, advinda da apreensão do que os inquiridos viram, ouviram, sentiram e vivenciaram em algum momento da vida, registraram em suas memórias de curta ou longa duração e puderam evocar no momento presente das entrevistas.

3. O sítio histórico da Prainha e seus bens culturais

O sítio histórico da Prainha está localizado próximo a entrada do canal de Vitória, especificamente onde a Baía desemboca no mar. Situa-se na cidade de Vila Velha/ES - um dos municípios constituintes da região metropolitana de Vitória (figura 1). A Prainha possui relevante valor histórico, pois constituiu o primeiro povoamento urbano consolidado na antiga Capitania do Espírito Santo e uma das primeiras ocupações do período colonial brasileiro. A ocupação iniciou-se por volta de 1535, com a chegada da caravela de Vasco Fernandes Coutinho - donatário da capitania (Moreira & Perrone, 2005). Para garantir a ocupação do território, iniciou-se a construção das primeiras casas contornando a faixa de praia, um pequeno forte com vistas à proteção local, além da capela dedicada à Nossa Senhora do Rosário (atual Igreja do Rosário). O relevo destaca-se como um elemento determinante da estruturação urbana em um terreno plano, circundado pelo canal de Vitória ao norte e os morros circundantes a leste e a oeste. Oliveira e Almonfrey (2020) ressaltam que o traçado regular resulta de um núcleo urbano consolidado ao longo do eixo da Igreja do Rosário, no sentido norte-sul, que até hoje conecta o canal da Baía de Vitória ao núcleo urbano (figura 2).

Figura 2 – Evolução urbana da Prainha



Fonte: Oliveira e Almonfrey (2020, p. 18).

Nesse contexto, é importante mencionar a construção do Convento do Penha e consolidação do Cais do Padres. Por volta de 1558, o missionário franciscano Frei Pedro Palácios chegou à antiga capitania do Espírito Santo, de posse do painel de Nossa Senhora das Alegrias. Por volta de 1591, construiu uma ermida (atual Convento da Penha) para abrigá-lo. Durante o período imperial, por volta de 1824, o traslado da antiga Vila do Espírito Santo (atual Vila Velha) para Vitória era feito de barco. O ponto de embarque e desembarque estava localizado próximo ao antigo acesso do Convento, em uma área que foi denominada popularmente de Cais dos Padres (Melo, 2019, p. 111). O cais desapareceu quando o local foi aterrado no século XX (figura 2). Na atualidade, constitui um patrimônio arqueológico esquecido, situado ao lado esquerdo da entrada do Exército.

A localização estratégica da Prainha - próximo ao acesso à Baía de Vitória - teve aspectos positivos e negativos. Se por um lado facilitou o acesso, por outro propiciou inúmeras invasões e destruições à Vila do Espírito Santo. Por questões de defesa e segurança, ainda no período colonial, a antiga sede da Capitania do Espírito Santo foi transferida para a Ilha de Duarte Lemos (atual área do centro de Vitória) e foi denominada de Vila Nova, enquanto no continente, o antigo núcleo urbano (atual Prainha) foi chamado de Vila Velha (Oliveira, 2008). Durante anos, a Vila Velha ficou estagnada. Somente a partir do século XIX, verificou-se transformações significativas no local.

Por volta de 1894, o engenheiro Antônio Athayde esboçou o primeiro desenho do núcleo urbano de Vila Velha. Dezesseis anos depois, a eletricidade chegou à cidade e possibilitou a implantação de diversos equipamentos urbanos e melhorias, dentre as quais se destaca o bonde

elétrico. De acordo com Melo (2019, p. 51), “o trajeto dos bondes ia da praça da Igreja do Rosário, na rua Luciano das Neves (...), até Paul, no oeste do município, onde a travessia para Vitória era feita por lanchas”. Em frente à Igreja do Rosário, implantou-se um grande espaço público que recebeu várias denominações, tais como Jardim, Parque ou Praça Dr. Athayde (Franchini, 2016). Em meados de abril de 1919, foi instalado um coreto nesse espaço, com a intenção de incrementar a sociabilidade e atividades culturais e de lazer.

Outro elemento que permeia a memória dos moradores de Vila Velha é o processo de aterramento, que se mostrou como um grande modificador da paisagem. O primeiro aterro ocorreu entre os anos de 1916 e 1920, com o intuito de ampliar a curvatura do raio dos bondes no seu trajeto final (Melo, 2019). O aterro da Praia de Inhoá incorporou ao continente duas ilhas - a Ilha da Força e a Ilha Maria Catoré - para a construção do atual EAMES, inaugurado em 1960. Dez anos mais tarde, houve o Grande Aterro na antiga área da enseada da Prainha, que alterou drasticamente a paisagem local, ao definir uma grande área livre entre o antigo núcleo urbano e o mar. Anos mais tarde, um terminal aquaviário e um mega estacionamento (não contemplado no projeto original) foram implantados ao norte do aterro (Franchini, 2016). O transporte aquaviário não existe mais. E a extensa área do aterro tornou-se o atual Parque da Prainha - um importante ponto de encontro da população, que se reúne para atividades culturais, recreativas e esportivas, sobretudo após o período de isolamento da pandemia.

A Prainha sofreu inúmeras transformações ao longo dos anos, o que contribuiu para a descaracterização do seu conjunto arquitetônico. Na atualidade, predominam edifícios novos, o que

permite que a Prainha seja reconhecida pela sua diversidade, diferentemente de outros sítios históricos brasileiros onde prevalece a homogeneidade do conjunto arquitetônico urbano. Todavia, a diversidade arquitetônica não desmerece seu valor. A Prainha preservou o traçado original da primeira ocupação, com foco para o Largo do Rosário que sempre foi um elemento estruturador do tecido urbano, possui remanescentes arquitetônicos de diversas épocas, conservou a mata dos morros que o circundam e mantém um gabarito predominante baixo que não descaracterizou a sua forma urbana.

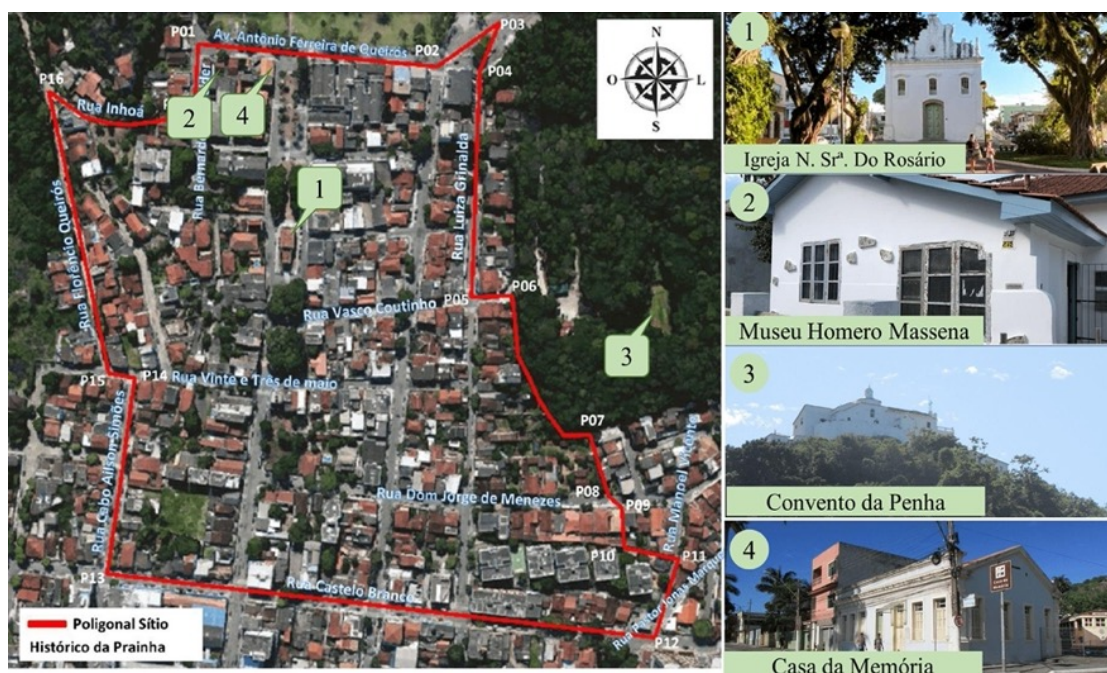
As inúmeras alterações e transformações também não apagaram suas histórias, memórias e importância. Em decorrência de seu valor histórico, urbano, paisagístico e cultural, a Prainha foi reconhecida como um Sítio Histórico Urbano (SHU) pelo município de Vila Velha, em 2015, por meio da Lei nº 044/2015, pois “concentra

A abordagem sobre os artefatos remanescentes, evidencia que a Prainha possui alguns bens tombadosⁱⁱⁱ (figura 3). No âmbito nacional, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) tombou, em 1943, o Convento da Penha e a Igreja do Rosário, em 1950. Na escala estadual, a Secretaria Estadual de Cultura (Secult) tombou a sede do Museu Homero Massena, em 1984. O município tombou o sítio histórico da Prainha, em 2015, e nele reconheceu como patrimônio cultural a sede do Museu Homero

testemunhos do fazer cultural da cidade em suas diversas manifestações” (Iphan, 1987, p. 1), além de constituir um local detentor de uma ambiência fundamentalmente histórica. Segundo a Carta de Petrópolis, um Sítio Histórico Urbano é “parte integrante de um contexto amplo que comporta as paisagens natural e construída, assim como a vivência de seus habitantes num espaço de valores produzidos no passado e no presente, em processo dinâmico de transformação” (Iphan, 1987, p. 1). Essa definição se aplica totalmente a Prainha de Vila Velha - um sítio histórico em constante mutação, que se descaracterizou significativamente ao longo dos anos no que se refere aos aspectos arquitetônicos, porém preservou tanto bens materiais como o traçado urbano e alguns edifícios, quanto aspectos naturais e paisagísticos do seu entorno, além de ser palco de manifestações culturais, tradições, festas e técnicas que tradicionalmente caracterizam o lugar.

Massena, a Igreja do Rosário, a Casa da Memória e o Convento da Penha. Ressalta-se, que nessa pesquisa, denomina-se de patrimônio cultural a definição presente na Constituição Federal Brasileira de 1988, nos artigos 215 e 216, que reconhece e valoriza “os bens de natureza material e imaterial tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Figura 3 – O patrimônio cultural da Prainha reconhecido pelo Estado nas escalas municipal, estadual e federal



Fonte: elaboração própria, 2022. Fotografias de Victória Christina Simões Pinheiro, fevereiro de 2021.

4. Metodologia

Na etapa de “preparação”, definiu-se o recorte espacial da pesquisa: a delimitação do sítio histórico definida pelo Projeto de lei nº 044/2015 (Prefeitura Municipal de Vila Velha, 2015). A etapa de coleta de dados contemplou entrevistas abertas e semiestruturadas com os participantes voluntários da pesquisa. Devido às restrições de isolamento social imposto pelas autoridades de saúde em decorrência da pandemia de Sars-Covid-19, as entrevistas anteriormente pensadas com abordagem direta e presencial, foram substituídas por uma interpelação on-line, para não expor ao risco de contaminação os pesquisadores e os participantes.

Na fase de “coleta de informações”, foram entrevistados 24 usuários da Prainha^{iv}, de ambos os sexos e com idade superior a 40 anos, que compuseram uma amostra não probabilística por conveniência (Tabachnick & Fidell, 1989). O conhecimento prévio assim como a apropriação e vivência com o sítio histórico da Prainha foram considerados como critérios de inclusão. A amostra foi definida a partir de convite aos participantes, considerando os critérios de inclusão previamente estabelecidos. Ressalta-se que não houve uniformização da amostra com base em gênero, escolaridade ou nível socioeconômico (figura 4).

No que se refere aos participantes, a pesquisa teve vinte e quatro, sendo catorze homens e dez mulheres, com idades entre 40 e 82 anos. A grande maioria dos participantes (82,36%) reside na cidade de Vila Velha.

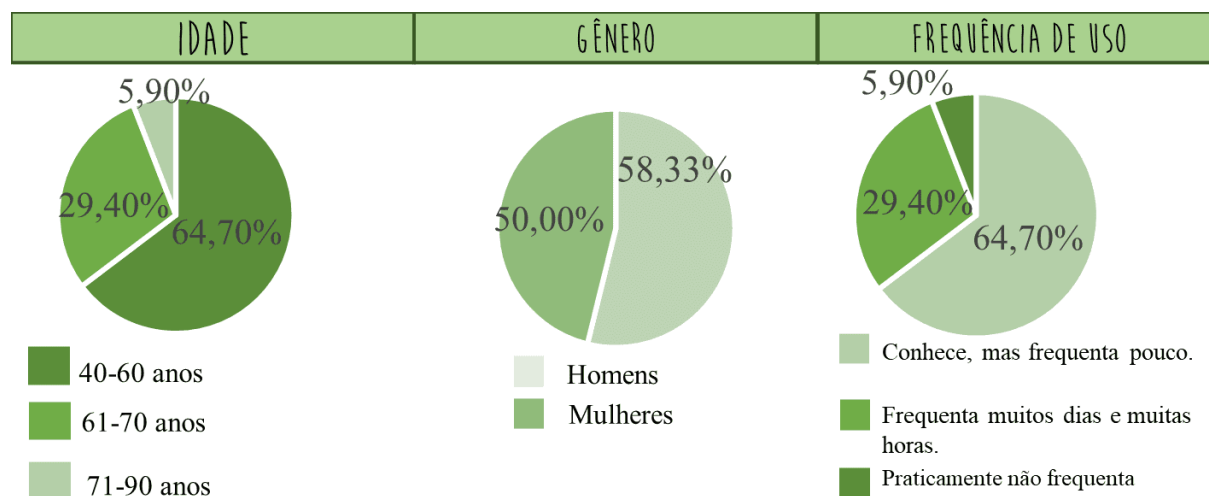
As entrevistas foram realizadas no formato telepresencial, com usuários voluntários pré-

selecionados e horário pré-agendado na Plataforma Microsoft Teams, no período de junho a setembro de 2021. Cada entrevista teve uma duração aproximada de uma hora e foram gravadas (com autorização prévia dos voluntários).

Os inquiridos discorreram sobre suas lembranças, emoções predominantes, aspectos mais saudosos e afetuosos. Os entrevistados também foram convidados a contar histórias sobre o local. Apesar das perguntas norteadoras, ressalta-se que o intuito foi estimular a livre expressão e a espontaneidade. Adotou-se como referência o método utilizado por Frías e Jofré (2020), que opta pelos relatos informais como procedimento para trazer a linguagem dos próprios informantes. Corroborar para justificar a utilização desse método Boni e Quaresma (2005, p. 6), ao evidenciarem que esse tipo de entrevista permite que “o informante retome sua vida de forma retrospectiva”.

Na fase de “compilação e análise dos dados”, a etapa de organização dos dados utilizou dois procedimentos distintos. O conteúdo relacionado à categorização dos entrevistados foi tabulado e uma imagem foi produzida no software Photoshop para ilustrar o perfil dos participantes. Os relatos, primeiramente, tiveram sua transcrição textual. Realizou-se a compilação e análise dos dados a partir do “processo de categorização por conteúdo”, proposto por Bardin (2002), no qual inicialmente se classificaram as informações por diferenciação e, posteriormente, por agrupamento em categorias que expressam a unidade daquela concepção. Nessa última fase, foram ainda produzidas imagens para sistematizar as interseções entre os depoimentos.

Figura 4 – Caracterização dos entrevistados



Fonte: elaboração própria, 2022.

5. Resultados e discussões

A análise qualitativa dos resultados identificou quatro aspectos sobressalentes nas representações da Prainha. O primeiro deles refere-se ao reconhecimento da Prainha como um “lugar de memória” (Nora, 1993), onde se evocam lembranças que se estendem para além do patrimônio ou do sítio histórico tombado. O segundo relaciona-se às “memórias autobiográficas” (Damásio, 2011), atreladas às lembranças, ao afeto e ao pertencimento dos espaços cotidianos vivenciados. O equilíbrio homeostático do ambiente urbano da Prainha, decorrente da “ambiência restauradora” (Zuanon *et al.*, 2020a) promotora da sensação de bem-estar e tranquilidade constitui o terceiro aspecto de análise. A religiosidade, como um marcador territorial do sagrado, que desperta emoções e sentimentos intensos vinculados à fé e contribui para a “homeostase sociocultural” (Damásio, 2018), define o quarto ponto de análise.

5.1. Lugares de memórias: a evocação de lembranças e o reconhecimento do patrimônio cultural para além do sítio histórico tombado

“Lembrar uma pessoa ou evento ou contar uma história requer evocação. Reconhecer objetos e situações à nossa volta também, o mesmo vale para pensar em objetos com os quais interagimos e acontecimentos que percebemos” (Damásio, 2011, p. 173). A evocação de memórias, também reconhecida como processo de *recall*, envolve tanto o registro quanto a reprodução dessas memórias. Vale lembrar que esse processo permeia a dialética da lembrança e do esquecimento, pois nem toda informação é armazenada no cérebro assim como algumas retenções podem ser temporárias. O registro também não é passivo e realista como em um filme, pois não mapeamos somente as imagens ópticas captadas pela retina, mas sim todas as interações com o meio durante um período do tempo. Nesse sentido, a evocação se remete a essa memória afetiva adquirida que pode ser acionada e revivida a qualquer momento do cotidiano. Mas como evocá-las?

Os “lugares de memória” constituem excelentes gatilhos para a evocação dessa memória afetiva adquirida, pois permitem acionar as lembranças recentes ou mais remotas. “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama” (Nora, 1993, p. 12), ou seja, “só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica” (Nora, 1993, p. 21). A pesquisa evidenciou que o sítio

histórico da Prainha se caracteriza como um “lugar de memória”, pois está revestido dessa aura simbólica que aciona lembranças afetivas extremamente significativas, que evidenciam atividades sensitivas e motoras relacionadas à interação dos indivíduos com o local em momentos passados.

Primeiramente, no que se refere os bens tombados pelo Estado, foram recordados pela população os seguintes bens:

A Prainha me remete aos Monumentos: Convento, Igreja do Rosário e Casa da Memória com bondinho. (Entrevista concedida pelo senhor AR, 57 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em junho de 2020)

Os edifícios que são referência na Prainha são a Igreja do Rosário, a Casa da Memória, o Museu Homero Massena, assim como algumas casas históricas tombadas, elas são referência pela importância histórica que tem para o estado. A Igreja do Rosário é a igreja mais antiga do Brasil ainda em atividade, o Museu Homero Massena é a casa que o famoso pintor viveu nos últimos anos, a Casa da Memória traz a história de nosso estado em seus arquivos. (Entrevista concedida pelo senhor CA, 53 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em junho de 2020).

Ficou evidente ao longo da pesquisa, que a legitimação do patrimônio vai além dos bens tombados pelo Estado, pois ocorre o que Gonçalves (2005, p. 16) denomina de “ressonância”, onde o patrimônio cultural é compreendido como um “elemento mediador entre diversos domínios sociais e simbólicos”, o que permite estabelecer conexão entre passado e presente e atuar como um importante gatilho na evocação e re-evocação das memórias, modulando a percepção do espaço, pois as respostas emocionais quando percebidas despertam os sentimentos. “As respostas aos estímulos estão integradas ao sistema nervoso autônomo periférico - os subsistemas simpáticos e parassimpáticos que regulam a homeostase” (Oliveira & Pinheiro, 2021a, p. 34).

É importante lembrar que o sítio histórico da Prainha teve sua arquitetura descaracterizada, o que resulta na atualidade em poucos exemplares arquitetônicos remanescentes. É notório que esses remanescentes tiveram uma citação bastante expressiva e também são importantes na modulação das memórias. Todavia, é evidente que a Prainha não é reconhecida somente como um sítio histórico, pelo seu traçado urbano regular praticamente preservado e sua forma urbana predominantemente

horizontal que se equilibra com a paisagem. Acredita-se que a falta de homogeneidade das tipologias arquitetônicas seja determinante para essa falta de reconhecimento e apropriação com o lugar. Vale ser destacado que a menção aos artefatos materiais é predominantemente isolada e não está associada à noção de conjunto ou conexão com a noção de sítio histórico definida pelo Estado. O relato de LM, durante a entrevista, corrobora para essa discussão.

A Prainha tem uma dificuldade no sentido quando olhamos aquele lugar e não vemos um centro histórico. (...) A gente precisa levar para o leigo essa visão de que existe um conjunto marcado pela diversidade, e eu acho que a Prainha é um excelente exemplo disso. Pois você edifícios desde o final do século XIX e início do XX. (...) As pessoas comuns têm essa dificuldade de ver esse distanciamento ali passado e entender que o século XX faz parte da história. Com isso, a gente vê muita descaracterização daquele conjunto. (Entrevista concedida pelo senhor LM, 53 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em junho de 2020)

Todavia, o patrimônio da Prainha que obteve mais menção durante as entrevistas foram os bens imateriais^v, tais como a Festa da Penha, as romarias e os Passos de Anchieta^{vi} que destacam a religiosidade como uma característica essencial da Prainha e permite que ela seja caracterizada com “lugar”^{vii}. Destaca-se ainda a pesca artesanal que perpetua saberes e técnicas tradicionais^{viii}, tais como a produção de redes, de barcos, assim como a prática da pesca em barquinhos pequenos e coloridos de madeira em alto mar.

Adoro olhar os barquinhos dos pescadores, com a ponte no fundo. (Entrevista concedida pela senhora AA, 47 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em agosto de 2020).

As cores vibrantes dos barcos dos pescadores se destacam na paisagem local. (Entrevista concedida pelo senhor JR, 55 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em julho de 2020).

A investigação mostrou que a Prainha é um local com elevada carga simbólica, dotado de inúmeros bens materiais e imateriais, onde se solidifica sobretudo a memória da cidade de Vila Velha e do estado do Espírito Santo. Nesse sentido, o sítio histórico pode ser reconhecido como um “lugar de memória”, no sentido definido por Pierre Nora (1993), pois além de constituir um lugar de destaque na formação urbana e histórica, ainda contribui para o despertar de lembranças e para a transmissão entre gerações. Constitui um lugar de memória porque “caracteriza uma experiência vivida” (Nora, 1993, p. 21), um local onde há identificação, saudosismo, lembranças e afeto das experiências vivenciadas na escala do lugar.

5.2. Memórias autobiográficas: lembranças, afeto e pertencimento dos espaços cotidianos vivenciados

As memórias autobiográficas relacionam-se aos registros de experiências passadas e estão associadas às histórias individuais, ou seja, compreendem o “registro organizado dos principais aspectos da biografia de um organismo” (Damásio, 2015, p. 26), pois podem contemplar lembranças associadas às especificidades únicas de cada indivíduo. Nesse sentido, o que distingue as memórias autobiográficas das demais memórias é o fato delas serem constituídas por “diversos momentos da experiência individual, do passado e do futuro antevisto” (Monteiro, Ferreira, Zuanon & Oliveira, 2019, p. 308, tradução nossa^{ix}).

Figura 5 – O patrimônio cultural da Prainha evocado na memória dos inquiridos



Fonte: elaboração própria, 2022. Fotografias de Victória Christina Simões Pinheiro, fevereiro de 2021.

O relato dos entrevistados explicitou que a Prainha carrega emoções e significados decorrentes das vivências e conexões estabelecidas no lugar. A compreensão do entendimento de lugar corrobora para a afirmação de Damásio (2004) que relaciona as memórias às experiências de vida e a biografia do indivíduo, pois na percepção somatossensorial do lugar o cérebro registra a memória emocional do ambiente e qualquer estímulo pode acionar sua evocação. Para Damásio (2018, p. 175), os “portais sensitivos”, ou seja, os órgãos responsáveis por gerarem registros do mundo externo, são essenciais para a construção inicial de qualquer percepção sensorial, pois são sentidos continuamente pelo sistema somatossensorial.

A pesquisa evidenciou que a Prainha conta muito mais do que a história da cidade de Vila Velha. Ela retrata as histórias individuais, as lembranças e a relação afetiva com o lugar, ou seja, evidencia as memórias autobiográficas de seus usuários, como relatado por alguns entrevistados:

A minha relação com a Prainha, na minha singularidade, ela tem muita relação afetiva com a minha família, com a minha história de ser capixaba. (Entrevista concedida pelo senhor ME, 70 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em julho de 2020).

Tenho uma memória afetiva, porque no período que fui músico, eu toquei muito na Igreja do Rosário. (Entrevista concedida pelo senhor AS, 48 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em julho de 2020).

Ali ficou realmente aquele enclave, que, de acordo com as pessoas, existe essa relação da pessoa, da família com o lugar, com a casa, com a atividade que se desenvolve. (Entrevista concedida pelo senhor LM, 53 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em junho de 2020).

Eu sempre lembrei dessa região como um local que meu pai me levava para olhar as coisas. (Entrevista concedida pelo senhor ME, 70 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em julho de 2020).

Quando casei, tinha 24 anos. (...) A gente ia pra lá e fuçava o Convento de cabo a rabo. (Entrevista concedida pela senhora FF, 75 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em junho de 2020).

Quando eu era pequena a gente tinha esse acesso à Prainha, o lugar ficou parado, depois abandonado e agora está revitalizado. Essa movimentação que vocês estão vendo agora é o que eu me lembro de infância, era como era. Aqui tinha parquinho, tinha uma pista de skate, uma feira que acontecia todo final de semana. (Entrevista concedida pela senhora RS, 68 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em agosto de 2020).

A Prainha me traz a sensação de familiaridade, minha memória afetiva é vir aqui. (Entrevista concedida pelo senhor PR, 72 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em setembro de 2020).

Investigar e analisar com maior profundidade os depoimentos dos inquiridos possibilitou acionar essas imagens somatossensoriais armazenadas no cérebro e evocadas por meio das entrevistas. Permitiu ainda organizar os relatos das lembranças articulados ao cenário da Prainha e aos sentimentos de identificação, afeto e pertencimento presentes nas memórias individuais consolidadas, como ilustra a figura 6. Esses sentimentos são provenientes da construção de significados, sentidos e valores atribuídos pelos usuários ao longo de suas vidas, quando ocorreu a apropriação com o lugar (Zuanon, Oliveira, Ferreira & Monteiro, 2020b).

Os entrevistados se lembraram daquilo que escutaram, tocaram e até das emoções que experienciaram. Como destaca Damásio (2011), as memórias desencadeiam emoções. “As emoções, o contexto e a combinação de ambos influenciam na aquisição e na evocação” (Lent, 2008, p. 245), e estão intrinsecamente conectados à memória, que registra apenas aspectos de maior importância para a cognição e para a emoção. Isso pode ser comprovado pelo depoimento de alguns entrevistados, que se emocionaram ao relatar suas lembranças.

O que me emociona é olhar aquele Morro e para o Convento. Me remete a sensações boas. Só remete a encontros, saudades... (Entrevista concedida pela senhora FF, 75 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em junho de 2020)

Eu sinto uma saudade de algo que não vivi. [...] Eu gostaria de curtir uma 'prainha' lá. (Entrevista concedida pelo senhor ME, 70 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em julho de 2020)

Figura 6 – Memórias autobiográficas da Prainha



Fonte: elaboração própria, 2022. Fotografias de Victória Christina Simões Pinheiro, fevereiro de 2021.

É um bairro que eu tenho uma paixão enorme, um sentimento de amor, de apego. Mesmo eu não sendo capixaba nato [...] é um sentimento de apego. (Entrevista concedida pelo senhor AS, 48 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em julho de 2020)

Quando mais nova já fiz muitos passeios na pracinha. (Entrevista concedida pela senhora LCS, 50 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em setembro de 2020)

Acho o bairro esteticamente agradável. (Entrevista concedida pela senhora AV, 59 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em junho de 2020)

A pesquisa mostrou que as experiências individuais, impulsionadas pelo processo de apropriação do lugar, permitem que as memórias autobiográficas, assim como as emoções e os sentimentos atrelados a elas, constituem aspectos essenciais para fundamentar o sentimento de afeto e de pertencimento ao lugar. Para Zuanon *et al.* (2020b), a apropriação permite que o usuário crie vínculos identitários ao permitir que os usuários vivenciem o lugar, pois os sentimentos, oriundos das emoções, se relacionam tanto com o indivíduo isoladamente, quanto com o indivíduo no contexto dos outros (Damásio, 2018).

5.3 Ambiente urbano homeodinâmico: ambiências restauradoras do bem-estar

A homeostasia relaciona-se a um processo de regulação da vida, ou seja, envolve uma diversidade de “parâmetros acompanhados da coordenação de respostas adequadas para minimizar qualquer distúrbio” (Silverthorn, 2003, p. 169). Esse processo, em constante transformação, almeja conquistar um equilíbrio e, conseqüentemente, saúde e bem-estar. Ressalta-se que a homeostasia é um processo natural e intrínseco do ser humano, que por meio de dispositivos naturais buscam o equilíbrio da vida. Como exemplo, cita-se o metabolismo, o apetite, as emoções, assim como a necessidade pela busca de soluções como forma de minimizar conflitos na vida humana.

Quando a homeostase adquire uma extensão espacial, social e cultural, Damásio (2011, p. 43) apresenta o conceito da “homeostase sociocultural”, que também almeja a sobrevivência dos organismos e a busca deliberada do bem-estar. Para o autor, a homeostase sociocultural é um fenômeno cultural criado e guiado por mentes conscientes reflexivas, porém alicerçadas em sentimentos - compreendido nesse contexto como “as experiências subjetivas do estado momentâneo de homeostase em um corpo vivo” (Damásio, 2018, p. 38). Zuanon *et al.*, (2020a, p. 208) cunharam o conceito de “Ambientes Urbanos Homeodinâmicos”, associados às “relações que buscam a prevenção ou a restauração da saúde e do

bem-estar do indivíduo, enquanto habitante ou usuário da cidade”. No caso da Prainha, a pesquisa evidenciou que o ambiente urbano homeodinâmico se caracteriza como restaurador do bem-estar e da tranquilidade, pois está associado ao equilíbrio do corpo, da mente e do espírito.

A Prainha traz muito essa noção de tranquilidade. Ela traz muito esse conceito, que muitos estudiosos falam, de bem-estar, da ausência de compromisso. (Entrevista concedida pelo senhor LM, 53 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em junho de 2020).

A Prainha me traz essa sensação de que eu posso frear, parar, e deixar as coisas acontecerem. (Entrevista concedida pelo senhor LK, 62 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em julho de 2020).

Paz, calma e tranquilidade. É um refúgio, que nem parece ser dentro da cidade. (Entrevista concedida pelo senhor AM, 48 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em agosto de 2020).

A Prainha possui ruas tranquilas e os volumes mais baixos; um local acolhedor que transmite tranquilidade. (Entrevista concedida pelo senhor JP, 64 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em setembro de 2020).

Região tranquila pra moradia, pois oferece excelentes peixarias, museu e o Convento da Penha, além de um local com muitas potencialidades como o parque da Prainha. Local aconchegante, agradável e traz um ar de tranquilidade. (Entrevista concedida pela senhora MP, 46 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em junho de 2020).

A prainha é muito mais tranquila, arborizada e iluminada, o trânsito é mais calmo. (Entrevista concedida pelo senhor IC, 60 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em setembro de 2020).

Acho um lugar bastante acolhedor! (Entrevista concedida pela senhora RO, 75 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em setembro de 2020).

As sensações descritas demonstram as respostas recorrentes na maioria dos entrevistados. É notório como o ambiente urbano do sítio histórico da Prainha apresenta-se como um espaço de fuga do cotidiano, capaz de definir uma

ambiência própria e influenciar positivamente na percepção dos seus usuários (figura 7). Zuanon *et al.* (2020b, p. 198) destacam que a percepção constitui um dos conceitos essenciais para a compreensão da ambiência, pois correlaciona “características pessoais, motivação e experiência anteriores, os quais estão relacionados à maior ou à menor sensibilidade do indivíduo ao espaço”.

A pesquisa demonstrou que, dentre as características físico-funcionais do espaço, o contexto natural se destaca, por meio da vegetação circundante dos morros, a grande arborização das ruas, além de seus visuais marcantes. A paisagem natural, associada à urbana, conferem ao local uma ambiência singular e atribuem significados relevantes ao referencial humano.

A beleza da Prainha está nos seus monumentos e na natureza circundante. (Entrevista concedida pelo senhor PR, 72 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em setembro de 2020).

Local bem arborizado, poucos prédios altos. (Entrevista concedida pelo senhor RA, 82 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em julho de 2020).

Me chama a atenção os detalhes da natureza, tudo que pode ser desfrutado em volta, mas o Convento da Penha é o maior deles. (Entrevista concedida pelo senhor EO, 78 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em junho de 2020).

Um lugar bucólico e interessante. (Entrevista concedida pela senhora MA, 65 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em setembro de 2020).

Local com ar agradável, bem arborizado e com casinhas antigas e edificações históricas que trazem a sensação de aconchego e tranquilidade. (Entrevista concedida pela senhora MP, 46 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em junho de 2020).

Vista bonita e ambiente aberto. (Entrevista concedida pela senhora AK, 43 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em julho de 2020).

Toda vez que eu penso em Prainha, eu penso em bons eventos, lugares tranquilos e com cunho familiar, que me dá muita saudade, principalmente neste período de pandemia. (Entrevista concedida pelo senhor AS, 48 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em julho de 2020).

Figura 7 – O ambiente urbano homeodinâmico da Prainha e suas ambiências



Fonte: elaboração própria, 2022. Fotografias de Victória Christina Simões Pinheiro, fevereiro de 2021.

Na percepção dos usuários, fica evidente que a Prainha constitui uma ambiência restauradora particular - praticamente um "refúgio urbano" associado à sensação de paz, tranquilidade e calma, indutora de acolhimento e de bem-estar, que contribuem sobremaneira para a "homeostase sociocultural" (Damásio, 2018) e o equilíbrio humano.

5.1. Memória, emoções, sentimentos e religiosidade no sítio histórico da Prainha

Damásio (2018) associa as crenças religiosas às respostas aos traumas da alma humana, que podem ser resultantes de interações no espaço social advindas, sobretudo, da violência, do luto ou das catástrofes naturais. O autor destaca ainda que, essas respostas, podem estar associadas aos sentimentos de empatia e compaixão ou raiva e violência. Podem ainda estar associados a um símbolo de esperança e desejo de se alcançar os céus. Neste contexto, é possível relacionar a crença em entidades salvadoras que trazem a luz explicação para as "perdas em termos justificáveis e até mesmo aceitáveis" (Damásio, 2018, p. 203). O autor destaca ainda que, nas culturas monoteístas, a crença nessas entidades se traduz em um Deus único.

No campo da neurociência, Damásio (2018) ressalta diversos estudos recentes acerca dos fenômenos neurais e cognitivos associados à religiosidade, demonstram a relação intrínseca com os sentimentos e as emoções, assim como ao

conceito de homeostase sociocultural, pois as práticas religiosas contribuem significativamente ao equilíbrio homeostático, associados sobretudo ao alívio e ao consolo, essencialmente se estiverem associados a comportamentos coletivos. As declarações do frei Djalmo Fuck - guardião do Convento da Penha (Brandão, 2022) - corroboram para consolidar essa visão:

As pessoas com problemas de saúde, com problemas pessoais, muitas vezes vão ao Convento para alimentar seu coração de esperança e alegria. Nossa Senhora se torna para elas uma referência para seguir em frente.

Nossa Senhora da Penha é que dá sentido para nossa fé, nossa religiosidade e cultura enquanto povo capixaba.

A pesquisa identificou que os símbolos mais marcantes da Prainha são as duas igrejas (do Rosário e o Convento) e a Festa da Penha. Os 60% dos entrevistados consideram o Convento como símbolo do bairro, 40% destacaram o Convento como sua paisagem preferida e 20% dos entrevistados mencionaram a Festa da Penha em suas lembranças do local. Esses dados estão em consonância com os da pesquisa realizada por Oliveira & Pinheiro (2021b) que destacaram esses três bens como os mais citados quando indagados sobre qual o patrimônio da Prainha eles reconhecem. Ambas as pesquisas evidenciam que as

igrejas - aqui consideradas como monumentos - foram disparados os bens mais citados. Acredita-se que a evocação decorra da vivacidade desses sentimentos de fé e da possibilidade de maior conexão com a ambiência restauradora. Para Castro & Magalhães (2020, p. 124), os monumentos constituem “marcadores territoriais dotados de sentidos, sagrados ou profanos e representam simbolicamente traços culturais de uma época, de um povo, expressando visão de mundo, estilos e arquitetura próprios”.

No que se refere ao conhecimento oficial, segundo o site do Iphan, o Outeiro e Convento de Nossa Senhora da Penha foi reconhecido pelo “conjunto arquitetônico e paisagístico formado pela igreja e convento sobre o penhasco em cima do outeiro, junto à Baía de Vitória” com registro no Livro das Belas Artes e Livro Histórico em 21/09/1943 e a Igreja do Rosário pelo fato de ser a “igreja mais antiga do Espírito Santo e uma das mais antigas do Brasil” com registro no livro Histórico em 20/03/1950. A Festa de Nossa Senhora da Penha foi mencionada no tombamento do Outeiro e Convento da Penha pelo Iphan como “a maior festa tradicional religiosa do estado” em homenagem à padroeira. Em 2022, a celebração foi chancelada pela Prefeitura de Vila Velha como patrimônio imaterial cultural, religioso e turístico do Município, por meio do Projeto de Lei nº2375/22 (Prefeitura Municipal de Vila Velha, 2022) pelo fato de ser a terceira maior festa mariana do Brasil e a maior do Espírito Santo^x. Fica evidente que esses bens foram reconhecidos pela sua representatividade histórica, arquitetônica e, sobretudo, afetiva e religiosa.

A ambiência, compreendida como “o conjunto das sensações, experiências, memórias e sentimentos ligados ao contexto sócio-físico, cultural e temporal vivenciado pela pessoa com relação a um lugar” (Zuanon *et al.*, 2020a, p. 198) destaca a ambiência religiosa do bairro, especificamente conectadas ao Convento da Penha, a igreja do Rosário e à Festa da Penha, assim como a admiração a eles em si e suas práticas associadas (figura 8).

Me lembro das missas da Festa da Penha. (Entrevista concedida pela senhora LC, 50 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em setembro de 2020).

Me recordo de participar das romarias que acontecem durante a Festa da Penha. Para mim, as

romarias são uma forte manifestação de fé. (Entrevista concedida pela senhora AA, 47 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em agosto de 2020).

A visita ao Convento da Penha me remete a boas lembranças da minha infância quando vinha a missa com minha família aos domingos. (Entrevista concedida pela senhora MP, 46 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em junho de 2020).

Desde pequena, minha maior relação é referente a festa da Penha e o encerramento dela que sempre foi realizado no parque estadual da Prainha. (Entrevista concedida pela senhora RO, 75 anos, em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, em setembro de 2020).

Os resultados apontaram que a religiosidade é uma das características mais marcantes da Prainha. Rosendahl (2014, p. 2) descreve a religiosidade como uma das “práticas culturais mais antigas experienciadas nos grupos sociais. Ela imprime no espaço marcas simbólicas dominantes e permanentes”. Ou seja, o lugar é determinante nesse processo. Eberhard (2009, p. 132) enuncia o conceito de “local sagrado” para descrever um lugar que pode suscitar experiências transcendentais no usuário, podendo promover conexões com algo maior. A maioria dos entrevistados reconheceu a Prainha como um “local sagrado”, sobretudo suas construções religiosas (igreja do Rosário e o Convento da Penha) e a Festa da Penha, pois funcionam como gatilhos de evocação das memórias afetivas dos espaços vivenciados pelos entrevistados, ao permitir que o cérebro conecte a experiência vivida no presente com outras similares do passado. “Os grupos neuronais ativados por sua experiência constroem, assim, uma cena dos objetos que você está vendo, ouvindo, tocando e talvez cheirando, distribuídos pelas redes que ligam o tálamo e o córtex - o sistema tálamo-cortical” (Eberhard, 2009, p. 52).

A pesquisa torna evidente que a religiosidade influencia sobremaneira nas emoções, nos sentimentos e nas memórias, sempre com grande intensidade, pois acionam emoções intensas, amplamente vinculados e fortalecidos pela fé.

Figura 8 – A religiosidade no sítio histórico da Prainha



Fonte: elaboração própria, 2022. Fotografias de Victória C. Simões Pinheiro, fevereiro de 2021 e abril de 2019.

6. Considerações finais

“Somos os resultados das nossas lembranças” (Lent, 2008, p. 242). Essa afirmação destaca a importância das memórias construídas e reconstruídas, na aquisição e/ou na evocação, através das relações das pessoas com o meio, tanto durante quanto depois da experiência. Nesse sentido, a pesquisa destacou que as memórias podem expressar temporalidades da vida individual ou coletiva, atribuir novos sentidos e valores aos lugares de memórias, ressignificar memórias autobiográficas fundamentadas no afeto e no pertencimento, promover ambiências restauradoras do bem estar, resgatar identidades, fortalecer a religiosidade, despertar ou intensificar emoções e sentimentos, assim como contribuir para a salvaguarda do patrimônio cultural.

As memórias evocadas do sítio histórico da Prainha evidenciaram que a história do lugar não está enraizada somente nas construções antigas ou no sítio histórico, ou seja, no patrimônio cultural de interesse público, que muitas vezes prioriza os “sujeitos vitoriosos e não esquecidos da história” (Souza, 2019, p. 11). A história da Prainha se consolida nas lembranças e nas emoções que podem ser despertadas, pois envolvem relações sociais que se materializam e adquirem significado no espaço vivido. Em outras palavras, “o espaço existencial vivido (...) se estrutura com base nos significados e valores nele refletidos pelo grupo ou pelo indivíduo, consciente ou inconscientemente; é uma experiência única interpretada pela memória e pelo conteúdo empírico dos indivíduos” (Pallasmaa, 2017, p. 113).

A pesquisa confirmou ainda que o patrimônio cultural reconhecido pelos inquiridos vai

muito além dos bens institucionalizados pelos órgãos de preservação, que muitas vezes privilegiam artefatos vinculados à uma “perspectiva oficializada” (Castro & Magalhães, 2020, p. 132). Nos depoimentos, as memórias predominantes da Prainha demonstraram vínculos com a cultura e a vivência cotidiana em detrimento aos bens materiais imóveis. O que a população reconhece como patrimônio constituem artefatos presentes na memória autobiográfica dos inquiridos e produzem “ressonância” (Gonçalves, 2005) nos domínios sociais e simbólicos ou uma “comunicação criativa entre cultura e os indivíduos” (Castro & Magalhães, 2020, p. 132), nos quais se possibilita evocar e reevocar as memórias, que modulam as emoções e os sentimentos. Nesse sentido, a investigação ressaltou que o sítio histórico da Prainha se configura como um “lugar de memória” (Nora, 1993), pois atua como um gatilho no qual os usuários podem se conectar com experiências passadas, assim como contribuir para perpetuar a preservação de seus artefatos. Souza (2019, p. 13) ressalta a importância do lugar na discussão sobre a preservação do patrimônio cultural, pois ele relaciona-se ao “acontecer solidário e não como localidade”, com vistas ao entendimento dos processos que caracterizam as ações.

Vale ressaltar que nesse tipo de investigação, o contato com o indivíduo foi fundamental, pois não se constitui somente como um estudo sobre a memória dos usuários da Prainha, mas principalmente um modo de se aprender com essas pessoas e suas lembranças evocadas. A compilação dos conteúdos das entrevistas comprovou que a formação das memórias é diversificada e denota afetividade. Os entrevistados

se lembraram daquilo que escutaram, tocaram e até das emoções que experienciaram. Como destaca Damásio (2011), as memórias desencadeiam emoções. Isso pode ser comprovado pelo depoimento de alguns entrevistados, que se emocionaram ao relatar suas lembranças.

Os relatos explicitaram que a cena vivida carrega emoções e significados decorrentes das vivências e conexões estabelecidas no lugar, o que exemplifica a afirmação de Damásio que relaciona as memórias autobiográficas às experiências individuais, assim como a conexão entre ambiente e comportamento. Nesse sentido, a Prainha conta muito mais do que a história da cidade de Vila Velha - ela carrega histórias, lembranças, que configuram ambiências restauradoras, que despertam sentimentos de bem-estar, tranquilidade, acolhimento e trazem contributos para a “homeostase sociocultural” (Damásio, 2018).

O patrimônio religioso foi o mais lembrado e a religiosidade se destacou como uma das características mais marcantes do lugar. A pesquisa identificou a Prainha como um “local sagrado” (Eberhard, 2009) ao evidenciar práticas e intensas manifestações de fé que despertam memórias afetivas.

Os resultados demonstram a relevância das memórias evocadas para a constituição da própria história. Elas carregam significados de laços familiares, de heranças culturais e, evidentemente, de sensações que experienciamos e das relações de afeto com o espaço e o patrimônio. Ficou evidente que as emoções são importantes moduladores da memória afetiva e impactam diretamente na percepção espacial da Prainha e do seu patrimônio.

Por fim, os estudos sobre memória afetiva mostraram-se extremamente valiosos nos contributos à preservação do patrimônio cultural, assim como na consolidação de pesquisas sobre a percepção afetiva do espaço urbano, evidenciado a possível e relevante articulação entre patrimônio cultural e neurociência. Como desdobramentos futuros deste trabalho, que aplica princípios da neurociência aplicados à preservação do patrimônio cultural, a pesquisa vem incorporando a utilização de biointerfaces inteligentes - especificamente a técnica do rastreamento ocular - para consolidar novas camadas de leitura da paisagem cultural e do patrimônio a partir dos dados fisiológicos coletados dos voluntários.

7. Contribuição das autoras

Melissa Ramos da Silva Oliveira: conceitualização; metodologia; análise formal; pesquisa; preparação do texto inicial; correção e

edição; levantamento de dados; coordenação do projeto; recursos.

Victoria Christina Simoes Pinheiro: conceitualização; metodologia; análise formal; pesquisa; preparação do texto inicial; correção e edição; levantamento de dados; coordenação do projeto; recursos.

8. Referências bibliográficas

- Agnew, J. (2003). Classics in Human Geography revisited. Comment of the author. *Progress in Human Geography*, 27(5), 605-614. <https://doi.org/10.1191/0309132503ph451xx>
- Bardin, L. (2002). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Boni, V. & Quaresma, S. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Em Tese*, 2(1), 68-80. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>
- Brandão, V. (2022, Abril 22). Guardiã do Convento fala sobre amor e compreensão de Nossa Senhora nesse momento de retomada e a expectativa da volta da Festa da Penha ao formato presencial. *A Gazeta*. <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/nossa-senhora-da-penha-e-que-da-sentido-para-nossa-fe-nossa-religiosidade-e-cultura-enquanto-povo-capixaba-0422>
- Brasil. (1998). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Artigos 215 e 216. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm
- Castro, B. & Magalhães, B. (2020). Lugares de memória - narrativas, itinerário e patrimônio cultural. *PatryTer*, 3(6), 121-134. <https://doi.org/10.26512/patryter.v3i6.26234>
- Damásio, A. (2018). *A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Damásio, A. (2015). *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Damásio, A. (2011). *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Damásio, A. (2004). *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Damásio, A. (1999). *The feeling of what happens: body and emotion in the making of consciousness*. San Diego: Harcourt Publishers Ltd.
- Eberhard, J. (2009). *Brain landscape: the coexistence of neuroscience and architecture*. Nova York: Oxford University Press.
- Franchini, F. (2016). *A produção do espaço livre público do Parque da Prainha em Vila Velha, Espírito Santo: disputa territorial em projetos urbanos*. (Dissertação de Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- Freud, S. (1969). Lembranças encobridoras. In J. Salomão (Org.). *Obras completas de Sigmund Freud* (pp. 329-354). Rio de Janeiro: Imago.
- Frias, L. & Jofré, M. (2020). Etnografia para proyectos arquitectónicos: inclusión de la perspectiva del habitante. *Arquitectura Revista*, 16(2), 197-216. <https://doi.org/10.4013/arq.2020.162.02>
- Gonçalves, J. (2007). *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Coleção Museu, Memória e Cidadania. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/IPHAN.
- Gonçalves, J. (2005). Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes antropológicos*, 11(23), 15-36. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832005000100002>
- Iphan. (2009). *Portaria nº 127 de 30/04/2009*. Estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira. https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-127-2009_214271.html
- Iphan. (1987). *Carta de Petrópolis*. Seminário Brasileiro para preservação e revitalização de Centros Históricos. <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Petropolis%201987.pdf>
- Izquierdo, I. (1989). Memórias. *Estudos Avançados*, 3(6), 89-112. <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8522>
- Lefebvre, H. (1991). *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática.
- Leite, R. (2004). *Contra-usos da cidade: lugares e espaços públicos na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Ed. Unicamp.
- Lent, R. (2010). *Cem bilhões de neurônios? Conceitos fundamentais de neurociência*. São Paulo: Atheneu.
- Lent, R. (2008). *Neurociência da mente e do comportamento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Melo, C. (2019). *Permanências, apagamentos e transformações na Prainha, Vila Velha/ES*. (Dissertação de Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- Monteiro, E., Ferreira, C., Zuanon, R. & Oliveira, M. (2019). Architecture in mind: elderly's affective memories and spatial perceptions of a downtown area. *Lecture Notes in Computer Science*, 11582, 306-324. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-22219-2>
- Moreira, T. & Perrone, A. (2005). *História e geografia do Espírito Santo*. Vitória: UFES.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, 10, 7-28. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>
- Oliveira, M. & Pinheiro, V. (2021a). Emoções, sentimentos e arquitetura pela ótica da neurociência. *Cadernos Proarq*, 37(2), 23-37. <https://doi.org/10.37180/2675-0392-n37v2-2>
- Oliveira, M. & Pinheiro, V. (2021b). Sítio histórico da Prainha de Vila Velha/ES - o "olhar de perto e de dentro". *Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes*, 9(25), 81-91. https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/cidades_verdes/article/view/2990/2841
- Oliveira, M. & Almonfrey, E. (2020). A forma urbana do sítio histórico da Prainha em Vila Velha/ES: leitura e interpretação. *Educação Gráfica*, 24(3), 298-311. http://www.educacaoografica.inf.br/wp-content/uploads/2021/01/21_A-FORMA-URBANA_298_311.doc.pdf
- Oliveira, M., Bittencourt, M. & Pinheiro, V. (2020). Configurações arquiteturais evocativas: neurociência, espaço, memória e emoções. In A. Lyra, C. Ferreira, E. Pagel, E. Monteiro, M. Oliveira & R. Dias (Orgs.). *Cidade e representações* (pp. 101-124). Rio de Janeiro: Letra Capital.

- Oliveira, J. (2008). *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.
- Pallasmaa, J. (2017). *Habitar*. São Paulo: Gustavo Gili.
- Pallasmaa, J. (2013). Para uma neurociência da arquitetura: mente corporativa e imaginação. In J. Pallasmaa, H. Mallgrave, H. Francis & M. Arbib (Orgs.). *Architecture and neuroscience* (pp. 70-85). Finland: Tapio Wirkkala.
- Passos de Anchieta. (2022). *XXIV edição da caminhada "Os Passos de Anchieta"*. <https://ospassosdeanchieta.com/os-passos/>
- Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10), 200-212. <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>
- Prefeitura Municipal de Vila Velha. (2022). *Projeto de Lei nº2375/22*. Declara a Festa de Nossa Senhora da Penha patrimônio imaterial, cultural, religioso e turístico do Município de Vila Velha. <https://www.al.es.gov.br/Noticia/2022/05/43027/pl-reconhece-valor-cultural-da-festa-da-penha.html>
- Prefeitura Municipal de Vila Velha. (2015). *Projeto de lei nº044/2015*. Cria o sítio histórico da Prainha de Vila Velha. <https://processos.vilavelha.es.gov.br/arquivo/documents/legislacao/HTML/L56572015.html>
- Rabelo, S. (2009). *O Estado na preservação dos bens culturais: o tombamento*. Rio Janeiro: Iphan.
- Rosendahl, Z. (2014). Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do espaço sagrado. *Cadernos de Geografia*, 37, 33-41. https://doi.org/10.14195/0871-1623_37_3
- Santos, J. (1999). *Vila Velha. Onde começou o Estado do Espírito Santo. Fragmentos de uma história*. Vila Velha: GM editora.
- Saramago, J. (1997). *Cadernos de Lanzarote I, II e III*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silverthorn, D. (2003). *Fisiologia Humana: uma abordagem integrada*. São Paulo: Manole.
- Souza, M. (2019). Território usado, rugosidades e patrimônio cultural: ensaio geográfico sobre o espaço banal. *Patryter*, 2(4), 1-17. <https://doi.org/10.26512/patryter.v2i4.26485>
- Tabachnick, B. & Fidell, L. (1989). *Using multivariate statistics*. New York: Harper Collins College Publishers.
- Zuanon, R., Ferreira, C. & Monteiro, E. (2020a). Ambientes e produtos homeodinâmicos: perspectivas e contribuições à saúde e ao bem-estar do ser humano. *DATJournal*, 5(4), 194-212. <https://doi.org/10.29147/dat.v5i4.290>
- Zuanon, R., Oliveira, M., Ferreira, C. & Monteiro, E. (2020b). Memória, emoções e sentimentos: impactos na percepção espacial e afetiva da área urbana central de Campinas. *DATJournal*, 5(1), 4-21. <https://doi.org/10.29147/dat.v5i1.166>

Como citar artigos de PatryTer:

Oliveira, M. & Pinheiro, V. (2023). Lugar de memória e percepção afetiva patrimonial. Sítio histórico da Prainha, Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. *PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades*, 6(11), e41312. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v6i11.41312>

Agradecimentos

À Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo) pelo financiamento da pesquisa “Arquitetura e neurociência: correlação entre os mecanismos de memória e atenção e suas implicações na preservação do patrimônio cultural da Prainha em Vila Velha/ ES”, edital FAPES nº 22/2018 - Programa Primeiros Projetos/PPP, termo de outorga 065/2019 e pelo financiamento da pesquisa de Iniciação Científica “Percepção espacial e afetiva do patrimônio cultural da Prainha”.

Notas

ⁱ Pesquisa concluída em 2021 e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo.

ⁱⁱ Through primal space it can touch our deepest emotional core; evoking shadow memories of the womb, the cave, the forest, and light. It can recall memories of culture, or our place in the historical world. Personal memories add overlays of subjective meanings, as buildings are associated with events in our lives.

ⁱⁱⁱ O tombamento é um ato administrativo realizado pelo poder público - é uma lei que o Estado promulga com o intuito de salvaguardar bens materiais, com o intuito de impedir sua destruição ou descaracterização (Rabelo, 2009).

^{iv} Esse projeto foi registrado na Plataforma Brasil e possui aprovação do Comitê de Ética, com o seguinte número de parecer: 3.314.080.

^v O Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) criou quatro livros para registro do patrimônio imaterial brasileiro: a) Livro de Registro dos Saberes, b) Livro de Registro das Celebrações, c) Livro de Registro das Formas de Expressão e Livro de Registro dos Lugares.

^{vi} “Passos de Anchieta” refere-se ao nome do roteiro a pé realizado por peregrinos que saem da Catedral de Vitória (antiga Vila de Nossa Senhora da Vitória) até o Santuário de Anchieta (antiga Vila de Rerigitiba). Nesse roteiro, os peregrinos fazem, durante o feriado de Corpus Christi, o trajeto realizado pelo Padre Anchieta nos seus últimos anos de vida (<https://ospassosdeanchieta.com/os-passos/>).

^{vii} Os “Lugares” são aqueles que possuem sentido cultural diferenciado para a população local, onde são realizadas práticas e atividades de naturezas variadas, tanto cotidianas quanto excepcionais, tanto vernáculas quanto oficiais (<http://portal.iphan.gov.br/>).

^{viii} O registro dos saberes associa-se aos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades (<http://portal.iphan.gov.br/>).

^{ix} “From different moments of our individual experience, from the past and the foreseen future” (Monteiro, Ferreira, Zuanon & Oliveira, 2019, p. 308).

^x A Festa de Nossa Senhora da Penha homenageia Nossa Senhora das Alegrias. É considerada uma festa mariana, com início do Domingo de Páscoa, pois celebra a ressurreição de Jesus - uma das sete alegrias de Maria (Brandão, 2022).